

“A MULHER NA MEDICINA”

Lycurgo Santos Filho

O estudo da senhora Diva Machado Pereira Kaastrup (Porto Alegre, Martins, 1983) sobre a atividade médica exercida pela mulher desde os tempos antigos até a época atual, é de singular valia. Certamente por falta de bibliografia suficiente — como confessou a Autora em as “conclusões” — e não por ausência de interesse, foi a “vol d’oiseau” que se aludiu à incursão da mulher na Medicina, na Europa e na América. É uma sucinta evocação do papel de precursora, na enfermagem, exercido por Florence Nightingale e por Ana Nery, no Brasil, ressentido-se da carência de melhores informações, enquanto madame Curie é lembrada como pesquisadora, porque de fato a sua vida não se marcou pelo exercício da medicina.

Baseada principalmente em as publicações dos brasileiros Alberto Silva e Vamberto Morais, a Autora discorre sobre as primeiras médicas na Inglaterra, na Itália, na Dinamarca e em outros países, todas elas vítimas de preconceitos e dos grosseiros ataques da sociedade de então. Segue-se a condensação da comovente história — uma verdadeira odisséia — da médica Pierra Hoon (Vejjabul), que lutou bastante e terminou se fazendo respeitar em sua terra, a Tailândia. Tal relato, não obstante desequilibrar o encadeamento da lembrança generalizada, prende sobremaneira a atenção do leitor. Sobre a Rússia, refere a Autora que não mereceu resposta à solicitação feita à embaixada soviética de informes sobre a mulher nos Serviços de Saúde. Essa descortesia não é estranhável, e está bem de acordo com a arrogância que mascara a desconfiada insegurança do urso moscovita. Na América do Sul são apenas relacionadas as primeiras médicas do Chile, da Argentina e do Uruguai, havendo, entretanto, destaque para a brilhante carreira da uruguaia Paulina Luisi.

Chega-se, afinal, às pioneiras brasileiras, que mereceram longa digressão, praticamente todo o livro, à exceção do capítulo primeiro. Há especial menção ao apoio decisivo do imperador D. Pedro II, que subsidiou os estudos e a formatura da carioca Maria Augusta Generoso Estrela, a primeira mulher brasileira a se formar em medicina. Fê-lo em 1881, nos Estados Unidos. Já então vigorava no Brasil a reforma Leôncio de Carvalho (194-1879), a penúltima do regime monárquico e a melhor de todas, que permitia a matrícula de mulheres nos diversos cursos das Faculdades do País. Após a biografia de Maria Augusta, passou a Autora a se ocupar da

primeira mulher brasileira a se doutorar em escola médica nacional, a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes, natural da cidade do Rio Grande. Muitos dados biográficos são revelados. O primeiro ano médico foi realizado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e os demais na do Salvador da Bahia, onde a gaúcha completou o curso em dezembro de 1887. Também com muitas notícias só agora trazidas a lume, é biografada a primeira mulher que se doutorou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a também gaúcha Ermelinda Lopes de Vasconcelos. À página 57 há um lapso quando se diz que o curso médico “então era de 4 anos de duração”. Não ! Sempre foi de 6 anos, a partir de 1832. Outro engano aparece à página 71, onde se infere que a reforma Leôncio de Carvalho foi a última a efetuar-se no Império. Não ! Foi a penúltima. Depois dela houve a elaborada pelo Visconde de Sabóia (25-10-1884), professor e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E se for possível nova edição deste livro, convirá que dele seja retirada a informação de que o barão de Goiana, José Correia Picanço, formou-se em medicina em Paris (página 70). Eu também incorri nesse erro relativo à formatura do cirurgião-mor do Reino em escola francesa, quando em 1947 publiquei a **História da Medicina no Brasil** (vol. 1º, rodapé da página 301). Após exaustiva pesquisa, o historiador da Medicina, Divaldo Gaspar de Freitas, de São Paulo, desfez o engano. Picanço não se formou em Coimbra, e nem em qualquer outra faculdade médica européia.

Foram a seguir citadas outras mulheres brasileiras diplomadas nas duas escolas do Império e em outras, também médicas, que surgiram no período republicano. Relembra-se, então, Carlota Pereira de Queirós, por sinal que prima de quem escreve esta Nota, médica natural de São Paulo (13-2-1892), deputada federal, autora de dois documentários que são história social paulista, e que faleceu em São Paulo a 17-4-1982, aos 90 anos, cega, visitada apenas por parentes mais chegados.

Um capítulo todo, o quinto, é dedicado à enumeração de profissionais naturais do Rio Grande do Sul, das quais se destaca Maria Clara Mariano da Rocha, catedrática de pediatria da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, uma expoente da profissão médica no sul do País. O capítulo de informações complementares contém uma notícia estapafúrdia (página 143), fornecida por Bruno de Almeida Magalhães, a de que Judith Maurity Santos, filha do professor de Anatomia Luís Antônio da Silva Santos, fora a primeira mulher diplomada na Faculdade do Rio de Janeiro. A Autora sabe que essa é uma informação inverídica.

Nas conclusões, avaliou-se o papel da mulher na profissão médica, onde ela se mostra tão capaz quanto o homem. A princípio restrita a certas especialidades, e encarada com desconfiança e

discriminação, a mulher venceu os preconceitos, sobrepujou as resistências e terminou triunfando, integrando-se no exercício pleno da Medicina, sem qualquer prejuízo para a condição de esposa e mãe.

Este é um livro útil e que deve ser incorporado à bibliografia médico-histórica nacional. Já o incluí na relação bibliográfica do 29 volume, no prelo, de minha **História Geral da Medicina Brasileira**.

*